

Valorização de variedades de oliveira portuguesas: avaliação em coleção

A recomendação/divulgação junto dos olivicultores para maior utilização de variedades de oliveira portuguesas não pode estar baseada no empirismo mas antes no conhecimento técnico-científico do comportamento agronómico dos diferentes materiais. A vantagem em fruticultura dos estudos em coleção é a realização de uma avaliação comparativa para um grande número de variedades em parcela experimental relativamente pequena.

Caracterização do estudo experimental

A valorização e a melhoria do potencial produtivo das principais variedades regionais de oliveira cultivadas no Alentejo – ‘Galega Vulgar’, ‘Cobrançosa’, ‘Verdeal Alentejana’, ‘Cordovil de Serpa’, ‘Azeitoneira’, ‘Blanqueta’ e ‘Carrasquenha de Elvas’ – para a sua utilização em sistemas de produção intensiva é o objetivo principal da operação OLEAVALOR do Programa Operacional Regional do Alentejo (ALENTEJO 2020). As instituições envolvidas são: a Universidade de Évora – Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas; o Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária – UEIS de Recursos Genéticos, Ecofisiologia e Melhoramento de Plantas (INIAV, I.P.); o Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior Agrária de Elvas; e o Centro de Biotecnologia Agrícola e Agroalimentar do Alentejo. O objetivo final da tarefa atribuída ao INIAV, I.P. foi a caracterização do desempenho das principais variedades de oliveira portuguesas presentes na NUTII. Esta tarefa foi implementada na Coleção Portuguesa de Referência de Variedades

de Oliveira (CPRCO) instalada na Herdade do Reguengo do INIAV, I.P., em Elvas. As oliveiras foram plantadas em 2012 num compasso $7\text{ m} \times 5\text{ m}$ e de cada variedade existem seis repetições de duas árvores distribuídas aleatoriamente. Este olival é fertirrigado e podado anualmente. A escolha deste conjunto de variedades deve-se à sua importância na região do Alentejo, quer em representatividade no olival tradicional e no olival intensivo, quer na valorização e certificação dos azeites que produzem. Nesta região foram criadas três denominações de azeites: 1 – Azeites do Norte Alentejano DOP, obtêm-se a partir de azeitona das variedades ‘Galega Vulgar’, ‘Blanqueta de Elvas’ e ‘Cobrançosa’; 2 – Azeite de Moura DOP, elaborados com azeitona das variedades ‘Galega Vulgar’, ‘Cordovil de Serpa’ e ‘Verdeal Alentejana’; e 3 – Azeites do Alentejo Interior DOP, com azeitona das variedades ‘Galega Vulgar’, ‘Cordovil de Serpa’ e/ou ‘Cobrançosa’.

A precocidade da entrada em produção

A entrada em produção identifica o primeiro ano de ocorrência da floração/po-

linização/vingamento para a maioria das oliveiras de determinada variedade. Esta característica agronómica é de elevada importância, atendendo a que, com a entrada em produção, o olivicultor começa a poder amortizar o investimento realizado.

A Figura 1 apresenta os resultados de variedades plantadas na CPRCO em 2012 (um total de 21 variedades) e que frutificaram ao segundo e terceiro ano após a sua plantação. Ao 2.º ano após a plantação, a maioria das oliveiras (entre 60% e 100%) das variedades ‘Azeitoneira’, ‘Galega Vulgar’ e ‘Cordovil de Serpa’ iniciou o processo de floração/vingamento. Estes materiais consideram-se, assim, muito precoces na entrada em frutificação.

A maioria das oliveiras das variedades ‘Blanqueta de Elvas’, ‘Cobrançosa’, ‘Cordovil de Serpa’ e ‘Verdeal Alentejana’ manifestaram a floração/vingamento ao 3.º ano após a sua plantação. Estes classificam-se como precoces relativamente à entrada em frutificação. Com a variedade ‘Carrasquenha de Elvas’, plantada posteriormente na CPRCO, a maioria das oliveiras apenas iniciou a frutificação ao 4.º ano após a sua plantação.

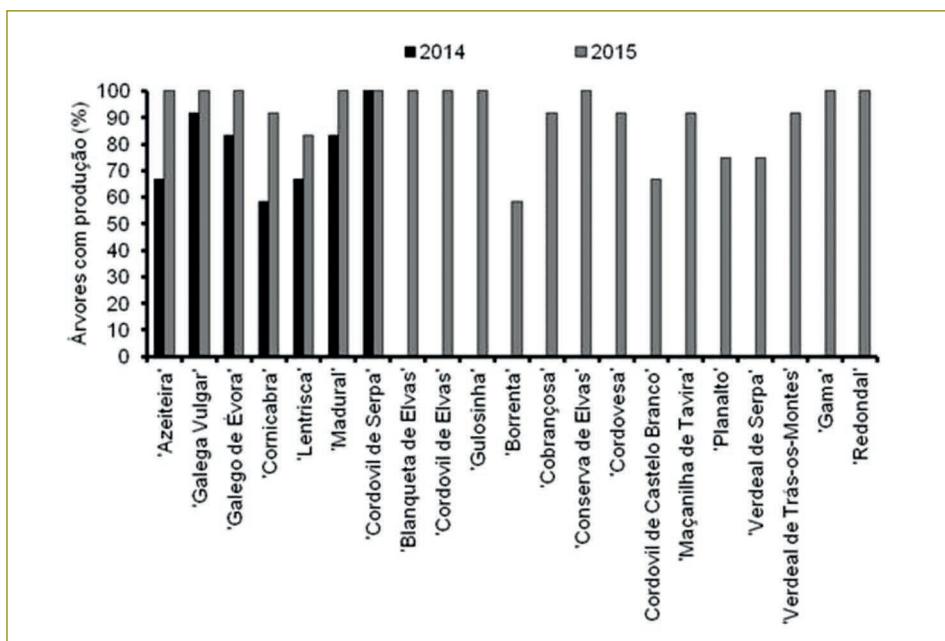


Figura 1 – Proporção (%) de oliveiras plantadas na CPRCO em 2012 e com produção de azeitona em 2014 e em 2015 (ano de plantação dos materiais apresentados – 2012).

Produção de azeitona em várias campanhas

Uma parcela de olival tem de ser rentável para o agricultor. Sem descurar outros fatores, o retorno económico é o principal objetivo e trata-se do resultado ou da quantidade de azeitona (e azeite) produzida e da valorização no mercado do produto obtido. Por exemplo, as qualidades do fruto, ou do azeite obtido, de determinada variedade podem ser suficientemente elevadas e comercialmente valorizadas para colmatar desvantagens agronómicas, como sejam produções médias ou médias-baixas.

Retomando a linha da produção de azeitona e por estes materiais se encontrarem em coleção, numa parcela experimental destinada à sua caracterização e avaliação agronómica, existe um histórico produtivo para este conjunto de variedades que teve início antes do OLEAVALOR e terá continuidade, uma vez concluído o referido projeto.

Após a sua entrada em produção, a produção média de azeitona por árvore das variedades plantadas em 2012 têm aumentado gradualmente desde a campanha 2014-15 à campanha 2018-19 e ainda não alcançaram

a produção máxima, que deve ocorrer nas duas próximas campanhas. No caso das variedades 'Azeitoneira', 'Cordovil de Serpa' e 'Galega Vulgar', da campanha anterior para a seguinte, têm sido sempre registados acréscimos. Nas restantes variedades, já se observou pelo menos um ano com menor produção de azeitona (Figura 2).

Quando se regista numa campanha uma

diminuição acentuada da produção de azeitona, comparativamente à campanha anterior, denomina-se contrassafra e um ano de produção elevada, como se ilustra pela fotografia de uma oliveira (Figura 3), é um ano de safra. Este comportamento está estreitamente relacionado com outra característica agronómica associada com o olival que é a regularidade das produções.

Regularidade de produção

A boa gestão do olival, relativamente às práticas culturais e à disponibilidade de meios, fica muito debilitada quando o volume de produção anual é uma incógnita ou existe uma grande irregularidade de uma campanha para a outra.

Em concreto, como se observa pela Figura 2, as oliveiras 'Blanqueta de Elvas' registraram na campanha de 2018-19 uma produção de azeitona muito pequena, tendo a quebra de produção média por árvore, e comparativamente à campanha anterior, sido superior a 50%. As árvores passaram de aproximadamente 12 kg para 4 kg de azeitona por oliveira.

Em 'Cobrançosa' também se registou um ano de contrassafra, na campanha de 2017-18, comparativamente à campanha

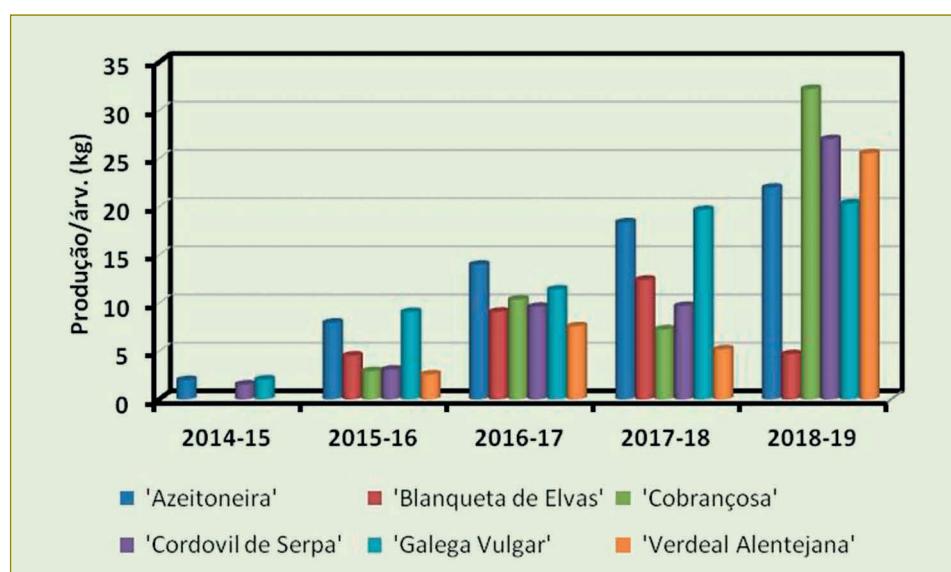


Figura 2 – Produção unitária por árvore (valores médios) de seis variedades de oliveira das campanhas 2014-15 a 2018-19. Oliveiras plantadas no verão de 2012.



Figura 3 – Oliveira da variedade ‘Galego de Évora’ em ano de safra.

anterior, com uma redução da produção média de azeitona por árvore inferior a 5 kg (Figura 2). Pelo contrário, na última campanha (2018-19) verificou-se um ano de safra em ‘Cobrançosa’, tendo atingido os maiores valores de produção unitária por árvore, ultrapassando os 30 kg/árvore. A variedade ‘Verdeal Alentejana’ apresentou um comportamento similar nas três primeiras campanhas 2015-16 a 2017-18, com produções sempre muito modestas (Figura 2), ainda que na campanha 2017-18 tenha registado uma menor produção, bai-xou comparativamente à do ano anterior. Na campanha de 2018-19, que foi um ano de safra, as oliveiras produziram cerca de 25 kg de azeitona/árvore.

Na variedade ‘Cordovil de Serpa’, a campanha de 2018-19 foi seguramente um ano de safra, uma vez que o aumento da produção de azeitona por árvore foi de aproximadamente 15 kg, o que fez com que esta variedade fosse a segunda com maior produção neste conjunto de materiais (Figura 2).

Produção acumulada

Outra forma de avaliar a capacidade produtiva dos materiais vegetais é através da

produção acumulada, ou seja, observar ao final de um determinado número de campanhas quantos quilogramas de azeitona uma oliveira produziu.

Realizando esta abordagem da produção para o período de 2014 a 2018 (Figura 4) revela que ‘Azeitoneira’ e ‘Galega Vulgar’ foram as variedades com maior quantidade de azeitona produzida e ambas com valores de produção acumulada próximos dos 65 kg/árvore, nas primeiras quatro produções após plantação.

As restantes quatro variedades apresentaram valores de produção acumulada relativamente próximos até à campanha de 2017-18 (Figura 4). Ao 6.º ano após plantação, a ‘Blanqueta de Elvas’ teve um ligeiro aumento da produção acumulada como reflexo do ano de contrassafra (Figura 2). Para ‘Cobrançosa’, ‘Cordovil de Serpa’ e ‘Verdeal Alentejana’, a última campanha (2018-19), tratando-se de um ano de safra (Figura 2), provocou uma subida mais acentuada da produção acumulada (Figura 4).

Arquitetura da árvore versus a poda

Este conjunto de variedades apresenta

diferenças ao nível do destino industrial das azeitonas, mas as diferenças começam desde os aspectos morfológicos, não só os mais evidentes relacionados com os frutos e caroços, como também a estrutura da árvore e os hábitos de desenvolvimento das ramificações.

Relativamente ao hábito de crescimento (UPOV, 2011) foi possível identificar três classes:

- Aberto: ‘Azeitoneira’, ‘Cobrançosa’ (Figura 5), ‘Cordovil de Serpa’ e ‘Verdeal Alentejana’;
- Vertical ou ereto: ‘Blanqueta de Elvas’ e ‘Galega Vulgar’ (Figura 6);
- Mais aberto, mas que não chega a ser um verdadeiro porte prostrado como a variedade exemplo ‘Sikitita’: ‘Carrasquenha de Elvas’.

O conhecimento e a compreensão sobre o hábito de crescimento da variedade que está instalada no nosso olival são cruciais para a realização adequada das intervenções de poda. Em variedades com porte aberto, não é desejável forçar um crescimento vertical como seja o eixo central revestido. E o mesmo se aplica a variedades com hábito de crescimento vertical,

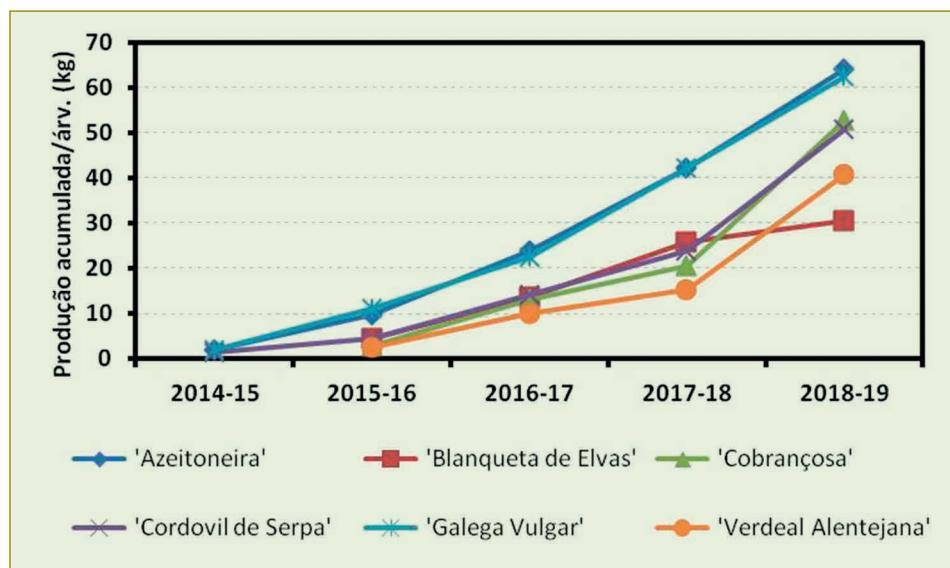


Figura 4 – Produção acumulada por árvore (valores médios) de seis variedades de oliveira ao longo de várias campanhas. Oliveiras foram plantadas no verão de 2012.



Figura 5 – Oliveira da variedade ‘Cobrançosa’.

em que forçar uma condução do tipo vaso clássico provoca na árvore uma resposta para contrariar aquela “forçagem” e seguir o seu crescimento natural. Como resultado, a rebentação no interior da copa, que se pretendia aberta, intensifica-se e os níveis de produção podem mesmo baixar consideravelmente.

Na CPRCO, e relativamente às variedades estudadas no âmbito do projeto OLEAVA-LOR, tem-se observado uma boa resposta das variedades ‘Azeitoneira’, ‘Cobrançosa’, ‘Cordovil de Serpa’ e ‘Verdeal Alentejana’ ao sistema de condução clássica em vaso. Uma forma expedita de averiguar se a poda anual realizada foi a adequada ao vigor da planta é observar a intensidade da rebentação basal – quanto menor, melhor –, a quantidade de crescimentos novos ao início do verão e o histórico de produções. No caso da ‘Galega Vulgar’, a condução tem sido realizada de forma a procurar manter a árvore numa forma cónica, deixando-a crescer no sentido vertical, mas simultaneamente estimulando a ramificação lateral para garantir bons níveis de produção. Tal como já foi referido, as oliveiras da ‘Galega Vulgar’ foram plantadas em 2012, e ainda não apresentaram nenhum ano de contrassafrá (Figuras 2 e 4), nem se verificam situações preocupantes de doenças, tanto ao nível da árvore como dos frutos. Aliás, os ramos secos e regiões

mortas da copa, que geralmente estão associados a olivais tradicionais (por vezes quase ao abandono) desta variedade, não se observam na CPRCO.

Relação entre o vigor, a arquitetura e o compasso de plantação

Para o olival ser rentável, todas as variáveis têm de estar em harmonia e convergir para a produção aliada à proteção do ambiente. A preservação do meio ambiente sem o adequado retorno económico é impensável, assim como as elevadas produções num sistema esgotante e abusador é uma irracionalidade.

Na opção por estabelecer um olival em sebe, a escolha da variedade terá de ter em conta o vigor e a arquitetura da variedade a instalar. Deve ser um material pouco vigoroso e com ramos ramificados, mas que não cresçam demasiado em comprimento; e para melhor utilizar a parcela sem “desperdiçar” área, a opção é aumentar o compasso de plantação ao máximo. O número de variedades com estas características é em número muito reduzido.

Na opção por estabelecer um olival intensivo ou tradicional, a escolha da variedade

é mais simples, principalmente porque a maioria de variedades tem hábitos de crescimento aberto. Neste caso, a renovação da copa pode ser simples, como no caso da ‘Azeitoneira’, porque as oliveiras apresentam um médio a baixo crescimento dos ramos, podendo o compasso de plantação ter menores distâncias entre plantas. Pelo contrário, em ‘Cobrançosa’ ou em ‘Cordovil de Serpa’ ou em ‘Verdeal Alentejana’, que apresentam maior vigor, a renovação de ramos através da poda é também maior; e com estas variedades o compasso de plantação não deve ser demasiado apertado.

Nota final

Não existe uma receita única de sucesso. O que tem de existir e cultivar é uma capacidade de análise e um conhecimento técnico aprofundado sobre os materiais, as técnicas culturais de condução dos olivais e realizar a intervenção no momento mais apropriado. É importante ter cautela na importação de variedades de outras regiões olivícolas, assim como das técnicas culturais utilizadas, porque tal como a experiência pode ser bem-sucedida, também pode ser enfraquecida pela existência de diferentes condições edafoclimáticas. ♪

António M. Cordeiro,
Fernanda Quintans, Carla Inês
INIAV, I.P.



Augusto Peixe
ICAAM/IIFA, Universidade de Évora



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO
E FORMAÇÃO DE AGRONOMIA



Figura 6 – Oliveira da variedade ‘Galega Vulgar’.

Bibliografia

UPOV (2011). *Olive (Olea europaea L.). Guidelines for the conduct of tests for distinctness, uniformity and stability.* International Union for the Protection of New Varieties of Plants. Geneva. TG/99/4.